

A DIVINA FONTE DA VIDA

Estimuladas a refletir sobre as linhas inspiradoras, iniciemos com o enunciado:

A Divina Fonte da Vida nos impulsiona viver a itinerância no mundo em movimento e nos convoca a ver, ouvir, sentir e acolher o gemido dos pobres, o grito da terra ferida, o clamor pela justiça e pela paz (cf. Ex. 3,7-8).

Antes de tudo, convido cada uma a nos fazer a pergunta: por que trocamos a introdução do enunciado das linhas anteriores: “Deus Pai-Mãe, fiel ao seu amor pelo mundo, nos convida [...]”, por um novo: “A Divina Fonte da Vida nos impulsiona a viver a itinerância [...]”? O que permanece e o que muda? Por que permanece? Por que muda?

Quais os desafios (a nível pessoal, de Província e Congregação) que este enunciado nos faz?



A “Divina Fonte da Vida”

Optamos e preferimos assumir, em meio a tantas atribuições dadas a Deus, a expressão: “Divina Fonte da Vida”. Surge a pergunta: quem é a “Divina Fonte de Vida”? Vamos buscar uma resposta em dois textos: Ap 22,1-5 e Ez 47, 1-12.

A “Divina Fonte da Vida” quer “vida para sempre” (Ap 22,1-5). As Comunidades Cristãs do final do primeiro século vivem o tempo da chamada “Pax Romana”, ideologia que mantinha os povos em regime de dominação política e exploração econômica, e que sustentava um projeto de opressão e de morte para dois terços do povo com seu sistema escravagista, num exílio permanente; as lideranças das comunidades cristãs são banidas da sociedade por denunciar esse imperialismo e resistir contra ele.

O exílio, porém, não consegue calar a voz dos profetas, neste caso João, autor do Apocalipse, que se sente fortemente ligado às comunidades cristãs como *irmão e companheiro* na fé, que, comprometidos com o projeto de Deus, vivem momentos difíceis de *tribulação*, mas que é preciso resistir (perseverar), ser testemunha na itinerância, com Jesus Ressuscitado, Senhor de tudo e de todos; o “Senhor da Vida”. Ele vive na vida das comunidades cristãs e as impulsiona para um novo e definitivo êxodo: participar da vida plena, a “Nova Jerusalém”, espaço onde se vive na justiça e na paz, meta da caminhada (cf. Ap 1,9-20).

A “vida para sempre” é a proposta da “Divina Fonte da Vida”. Ela mesma sai de seu trono, itinerante gera nova criação e faz novas todas as coisas: *“um rio de água viva, era brilhante como cristal; o rio brotava do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da praça, de cada lado do rio estão plantadas as árvores da vida; elas dão frutos doze vezes por ano; todo mês elas frutificam; suas folhas servem para curar as nações”* (Ap 22,1-2).

O rio e a árvore da vida nos remetem ao “paraíso” (Gn 2,8-10), espaço de vida, de justiça e paz preparado pelo Criador da vida, a “Divina Fonte da Vida” para toda a humanidade, onde Deus desce todos os dias para caminhar com a humanidade, criada à sua imagem e semelhança. O “paraíso” havia se transformado em espaço de morte; a desordem entrou no mundo e a humanidade desgovernada se prostituiu, tornou – se maldição (Gn 3,22-24).

Agora, o “rio de água viva, brota do trono de Deus e do Cordeiro” e transforma a humanidade prostituída em “esposa” e o “novo paraíso” volta a ser governado por Deus e por Jesus Cristo em nova aliança com a humanidade. Assim, a cidade, que é a própria humanidade, de prostituta se transforma em “cidade esposa do Cordeiro”; será a própria morada de Deus com a humanidade; é o trono em que Deus e o Cordeiro estão sentados, onde fazem sua morada; o culto que a humanidade lhe presta é o serviço radical itinerante à fraternidade, à justiça e à paz. É o “paraíso” recriado, onde já não há mais maldição, mas onde acontece o cumprimento de toda história de libertação, conduzida pela “Divina Fonte de Vida” (Ap 22,3-5).



Ao afirmar que na cidade-esposa do Cordeiro “Nunca mais haverá maldições” (Ap 22,3a), aponta para a grande utopia para a qual a humanidade é chamada: a fraternidade universal, a vida harmoniosa do paraíso, a vida na justiça e na paz. Quando a humanidade e toda criação forem realmente fraternos, se colocarem a serviço da vida, e restabeleceram a harmonia que dá o verdadeiro sentido à liberdade, então acontecerá a verdadeira celebração da vida, pois, “Nela estará sempre o trono de Deus e do Cordeiro, e seus servos lhes prestarão culto” (Ap 22,4).

O autor, inspirando-se, nos profetas, quer animar os exilados para um novo êxodo. Partindo da “visão das águas que brotam do Templo” (Ez 47,1-12), e por onde passam fazem brotar vida abundante, quer mostrar toda a fecundidade e a vida da sociedade nascida da prática da justiça: “A água representa o princípio da vida conferida por Deus. Imagem que aparece no paraíso (Gn 2,10-14); na cidade santa (Is 30,25) e que surge especialmente em Jeremias (2,13) na imagem de Javé como fonte de água viva”, a vida plena e solidária que integra o Projeto de Deus em favor da humanidade e toda criação. (ROSSI, 2001, p. 68).

O templo tem lugar na “cidade de portas abertas”, que será povoada por trabalhadores vindos de todas as tribos de Israel (Ez 48, 19) e pertencerá a toda casa de Israel (Ez 45,6), que conta com a presença de Javé, pois “A partir desse dia, o nome da cidade será este: *Javé está aí* (Ez 48,35). A cidade é o Reino de Deus, aberto para toda a humanidade (cf. Ap 21, 12-17).

Nos escritos joaninos, a “água é símbolo do Espírito Santo” (Jo 7,37-38). O rio que brota do trono de Deus e do Cordeiro é o Espírito da vida que nasce do Pai e do Filho. Retomando o tema da água em Ezequiel (47,12), o autor o amplia, e mostra que a vida nascida da Trindade, da “Divina Fonte da Vida”, atinge toda humanidade, todo povo, produz frutos abundantes sem cessar e serve para curar todas as nações. Surge, assim, um reino que não termina: o Reino da Vida de Deus, (Ap 22,5) da “Divina Fonte da Vida”, pois ela nos convoca a comprometermo-nos com a “lei da vida” que a própria “Divina Fonte da Vida” gravou no mais íntimo de cada um/a de nós. (cf. BORTOLINI, J. 1994, p. 183-186).

No fim da história, como foi desde as origens, a Trindade constitui a única fonte da vida para a humanidade e toda criação. Assim proclama o salmista: “Os filhos de Adão se abrigam à sombra de tuas asas. [...]; pois, a fonte da vida está em ti, e com tua luz, nós vemos a luz” (Sl 36,8-10).

A “Divina Fonte da Vida” a partir da literatura apocalíptica

A concepção teológica na literatura apocalíptica é plural. Deus se apresenta, antes de tudo como o transcendente, o constitutivamente santo, que impõe temor sagrado, o totalmente “outro”, sentado em um trono de majestade; o “Altíssimo”, o “Glorioso e Magnífico”, o “Pai invisível” (cf. Is 6,1-8; 1Tm 6.16). Apesar dessa distância para descrever sua infinita santidade, o Deus da literatura apocalíptica, não se acha à margem da história, ele é o “criador do universo” e o “artífice da história”, que lhe dá sentido oculto e coerência interna que só ele conhece.

O Deus, que se manifesta ao longo da história, sempre em movimento, com suas proezas salvíficas, conduz o devir da história e, em suas relações com a humanidade se mostra providente e salvador, e na base de sua conduta divina, encontra-se o amor misericordioso, a fidelidade, a justiça e o perdão (Ex 34,6).

O “Deus justo” da apocalíptica está em conexão com a imagem de Deus do AT: a justiça de Deus é fidelidade à Aliança, que é dom divino e por isto, esta justiça, acima de todas as conotações morais, consiste na fidelidade a uma relação de comunhão, impregnada de misericórdia e de perdão (MOLINA, 1998, p.53-54).

No Apocalipse de João, a comunidade cristã, que se reúne para o culto, invoca a bênção do Deus Trindade (Ap 1,4):

- recebe a graça e a paz da parte de Deus, qualificado como “aquele que é, que era e que deve vir”, aquele que é Senhor da história, que desce junto do seu povo e revela seu nome “Eu sou aquele que sou” (Ex 3,14). Ele é Deus Criador, princípio da criação, que por sua vontade o que não existia foi criado (Ap 4,11); é ele que mantém viva toda criação (Ap 15,3; 19,6); recria e faz novas todas as coisas (Ap 21,5;22-1-2; 1,8).
- recebe a graça e a paz do Espírito, designado com a formulação original dos “sete espíritos”, plenitude da salvação oferecida; que se movimenta sobre o caos das águas gerando vida (Gn1, 2). Que sai num êxodo, “como rio de água viva”, e às suas margens faz crescer muitas “árvores de vida”, que dão abundantes frutos e até suas folhas, estão a serviço da vida.
- recebe a graça e a paz da parte de Cristo, testemunha digna de crédito: Palavra de Deus, que sai de sua condição divina e assume o exílio da condição humana mediante sua vida itinerante, morte e ressurreição. Ele é a testemunha fiel que realizou o projeto do Pai até o fim, dando sua vida por amor à humanidade.

A “Divina Fonte da Vida” impulsiona a itinerância

A Divina Fonte da Vida nos chama e impulsiona a “viver a itinerância na dinâmica pascal do êxodo”. Ela é presença em movimento, “desce nos exílios” e “sai nos êxodos” do mundo e da humanidade. Está sempre junto com o povo para ajudá-lo a entender seus exílios, suas escravidões e impulsiona a buscar meios de organizar as saídas, vencer a escravidão.

“Exílio – Êxodo e êxodo - exílio” é uma experiência vivencial, não se reduz ao fato, é um modo de ser e viver na condição humana. Esta proposta dinamiza toda a Bíblia a partir dos Patriarcas e Matriarcas do povo de Israel; fundamenta - se no Êxodo de Israel, perpassa pelo novo êxodo do Exílio, ao êxodo de Jesus Cristo, do Espírito e das Comunidades Cristãs.

Com a vida ameaçada, Deus Pai-Mãe impulsiona Abraão a sair de Ur para dar uma terra, espaço de vida (Gn 15,7). Abraão, pelo chamado divino *sai a buscar mais vida*

para seu clã e assim começa o embrião de um povo que terá a missão de trazer as bênçãos de vida para todas as nações; portador do projeto de Deus. (Gn 12). No seu êxodo, Abraão entrega-se ao Deus da vida na fé, para que este lhe aponte o caminho (Gn 13), mas para encontrar esse espaço de vida, mesmo sendo dom de Deus, é preciso entrar num movimento de conquista de vida para todos, pela prática da justiça (Gn14).

O Deus, que fala a Moisés (Ex 3), o aliado dos antepassados Abraão, Isaac e Jacó, que buscavam vida para seus clãs é, agora, o aliado dos escravos no Egito. Ele os impulsiona a sair, e num movimento itinerante, caminhar para a vida, para lhes dar novamente a terra (Gn 15,13-20). Ele é o Deus que vê a miséria, ouve o clamor, conhece os sofrimentos e desce para libertar (Ex 3,7-10); seu nome é presença, é força, é coragem para seguir o caminho de libertação (Ex 3, 11-15).

O êxodo passa pelo “deserto”: o deserto é lugar que provoca dor, incertezas, medos e murmurações: é a situação de exílio, não dá para ver saída, não se consegue ver claramente o presente, a tentação é refugiar-se no passado. Mas o deserto é também lugar de encontro com a “Divina Fonte da Vida” (cf. Os 2,16; Sl 136,16; 1Rs 19,1-18; Gn 16, 1-16 e 21, 8-21), que proporciona encontros, itinerância, militância, solidariedade, buscas, esconde uma fonte, um poço. O deserto é lugar e é tempo significativo de reorganização, de reler o passado e descobrir as causas que levaram ao exílio, alimentar esperanças. O exílio traz a esperança de um novo êxodo: de levantar-se, de recomeçar, de armar-se de nova esperança (Lm 5,20-21; Is 51,1.9 – 52,12; Ez 12,1-7).

“Êxodo e Exílio- exílio e êxodo” os dois lados do cotidiano da humanidade. Viver este hoje confuso, complexo, ambíguo e ao mesmo tempo inovador, cheio de possibilidades e de horizontes que se encontram no caminho, porque o Deus Fiel, o Deus da Aliança, o Deus Conosco, a Divina Fonte da Vida garante: “Quando vocês me invocarem rezarão a mim e eu os ouvirei. Conheço meus projetos sobre vocês [...]: são projetos de felicidade e não de sofrimento, para dar-lhes um futuro e uma esperança” (cf. Jr 29,8-12).

Assumir o viver itinerante na dinâmica do êxodo, segundo a “Divina Fonte da Vida”: **ver, escutar e conhecer o clamor por vida e descer...**

Um “ver” comprometido:

É o olhar de Deus que vê o sofrimento e ouve os clamores, conhece os sofrimentos, por isso “é compassivo e solidário com os pequenos e escravizados”, em contraste com os opressores surdos e insensíveis (Salmo 115).

É um “olhar comprometido com o projeto original de vida e liberdade; olhar que faz discernimento entre os que oprimem e exploram e aqueles que são vítimas dessa opressão” (cf. Dt 26,7 e Gn 16,13).

É um “olhar contemplativo, bondoso, repousante, sabático, integrador, gratuito e livre de qualquer apropriação”; É o olhar “criativo e criador da origem da criação: *Deus contemplou tudo e viu que era tudo muito bom!*” (Gn 1,31).

Um escutar com o coração: O “ver” de Deus é complementado pelo “escutar”: Deus ouve o clamor do povo (Ex, 1-15). Escutar é “dar atenção”, é “o colocar-se à escuta” que, segundo a Escritura é “colocar o ouvido no coração”, colocar-se sob a escuta = *ob-audire*; *Shema Israel* (Dt 6,4-5). O clamor acolhido faz colocar o ouvido no coração de Deus, e escutar como Ele escuta, e sintonizar no mesmo ritmo da sua pulsão em favor de sempre mais vida. Ele mesmo capacita nossos ouvidos para esta escuta (cf. Br 2,31).

Colocar-se à escuta impulsiona à obediência; a escuta é um aprender a obedecer, processo pelo qual Jesus passou: “Embora sendo Filho de Deus, aprendeu a ser obediente através dos seus sofrimentos” (Hb 5,5).

Um conhecer e descer:

No grito da humanidade que sofre e da criação destruída, o Deus da Vida se manifesta, chama e impulsiona a sair; coloca tudo e todos em movimento, na força do Espírito; faz ter ouvidos de discípulos e discípulas (Is 50,4-9) e faz “descer, entrar na dinâmica da encarnação” (Jo 1,1-5.13-14). Descer (conhecer) é antes de tudo um movimento de **interioridade**: entrar em si, discernir para envolver-se e optar; e de **exterioridade**: sair de si, esvaziar-se, para entrar: “tire as sandálias, pois o lugar onde você está pisando é um lugar sagrado” (Ex 3,5).

Deus desce para caminhar com a humanidade e a criação e por isso conhece, porque presente: “Deus andava pelo Jardim a cada viração do dia” (Gn 3,8). Deus continua a descer quando seus filhos e filhas estão no sofrimento, na aflição e se põe a escutar seus clamores, se envolve e caminha junto pelo deserto em busca de vida e libertação (Ex 3,7-10).

Deus desce na pessoa do Filho: Jesus, o Filho, desce de junto de Deus, não se apega à condição divina, mas numa atitude de kénose assume (conhece) nossa condição humana e se dispõe como servo da vida (cf. Fl 2,5-11; Jo 13,1-30): “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Deus desce por meio de seu Espírito: desce e permanece com a comunidade, suplica com os oprimidos, com os marginalizados e com toda criação em sofrimento (cf. Lc 3, 21-22; 14,14-20 e Rm 8,18-30).

A Divina Fonte da Vida nos impulsiona e nos convoca a fazer acontecer o futuro de Deus, junto aos pobres e junto à terra ferida que clamam por justiça e paz (Mt 5,6. 9-10).

BORTOLINI, José. **Como ler o Apocalipse: resistir e denunciar**. [Série: Como ler a Bíblia], 3ª Ed, Paulus 1994.

ROSSI L. A. S. **Como ler o Livro de Ezequiel; O Profeta da Esperança**. [Série: Como ler a Bíblia], Paulus, 2001.

CEBI: **Evangelho de João e Apocalipse**. Roteiros para reflexão IX, CEBI/Paulus, 2000.

MESTERS C. e OROFINO F. **Apocalipse de João: Esperança, Coragem e Alegria**. Col. A Palavra na Vida (119/120); Publicações do CEBI, Editora “Com-texto”, 1997.

CRB: “Há uma esperança para o teu futuro” (Palestras da XIX AGO) Publicações CRB/ 2001.



Ir. Maria Aparecida Furlani (furlaniam@ibest.com.br)